

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
DEPARTAMENTO DE BIOCÊNCIAS E SAÚDE ÚNICA
CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

Sylvia Lacerda da Gama Alves

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Curitibanos

2022

Sylvia Lacerda da Gama Alves

**RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR OBRIGATÓRIO EM CLÍNICA
MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS**

Relatório Apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Medicina Veterinária.

Orientador: Prof^a. Dra. Rosane Maria Guimarães da Silva.

Curitibanos

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Alves, Sylvia Lacerda da Gama
Relatório de Estágio Curricular Obrigatório em Clínica Médica e Cirúrgica de Pequenos Animais / Sylvia Lacerda da Gama Alves ; orientador, Rosane Maria Guimarães da Silva, 2022.
77 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Curitibanos, Graduação em Medicina Veterinária, Curitibanos, 2022.

Inclui referências.

I. Medicina Veterinária. I. Silva, Rosane Maria Guimarães da . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Medicina Veterinária. III. Título.

Sylvia Lacerda da Gama Alves

RELATÓRIO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA E CIRÚRGICA DE PEQUENOS ANIMAIS

Este relatório foi apresentado ao Curso de Graduação em Medicina Veterinária, do Centro de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Médica Veterinária e julgado aprovado em defesa pública realizada em 21/03/2022.

Curitiba, 21 de março de 2022.

Prof. Malcon Andrei Martinez Pereira, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Rosane Maria Guimarães da Silva, Dr^a.
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Álvaro Menin, Dr.
Avaliador
Universidade Federal de Santa Catarina

Med. Vet. Milena Fortes Pereira
Avaliadora
Médica Veterinária

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pela oportunidade de passar pela experiência da graduação, e ter concluído esta etapa da vida com muito sucesso. Sou extremamente grata a Ele pela fé e esperança que colocou em meu coração de que este sonho poderia se tornar realidade! Obrigada meu Deus.

Deixo a minha imensa gratidão ao meu esposo, **Uille dos Santos Farias**, que sempre esteve ao meu lado, me concedendo força e ânimo para enfrentar as provações vivenciadas nesta jornada ao longo desses anos. Você é a minha maior inspiração, eu te amo!

Dedico este trabalho também a minha mãe, **Karla Mello Lacerda**, ao meu pai, **Antônio Fernandes da Gama Alves** e ao meu irmão, **Victor Lacerda Bastos**, obrigada pelo apoio desmedido que me deram, pelo incentivo em perseverar, e por abraçar o meu sonho de me tornar uma Médica Veterinária, esta conquista também é de vocês! Os amarei para sempre!

A minha avó, **Sylvia Mello Lacerda Cova**, por ser um exemplo de integridade e disciplina pra mim, por sempre me encorajar nos estudos e querer o meu melhor. Vózinha, fica aqui a minha gratidão pelo seu imenso cuidado, obrigada!

Ao meu avô **Antônio Carlos Lacerda**, o qual não tive a oportunidade de conhecer, mas me inspira por ter sido um ser humano de excelência e por ter escolhido a Medicina Veterinária para a vida! Uma das minhas maiores alegrias é saber que o senhor teria orgulho de mim, vô! O senhor sempre estará em meu coração.

Aos meus **tios e primos**, vocês também foram muito significativos em minha vida, sempre. Obrigada por toda a energia positiva que, mesmo de longe, vocês transmitiram para que eu concluísse a faculdade.

As minhas amigas da graduação, **Bruna Kuster**, **Eliane Bohnenberger**, **Gabriela da Silva**, **Krisley Wagner**, **Laura Cappellaro** e **Sheron Horstmann**, vocês são maravilhosas meninas, obrigada por terem marcado a minha história com boas lembranças, fico feliz em saber que em diversos momentos tivemos

umas às outras como uma rede de apoio durante os momentos de estudo e contrariedades na graduação. Levarei vocês sempre comigo!

Um agradecimento especial a minha amiga, **Juliana Xavier**, que me concedeu os meus bebês, Apolo e Zeus, meus cães que tenho um grande carinho, e que são a minha companhia de todos os dias. Ju, a sua humildade e o seu amor pelos cães é indescritível, obrigada por ter aparecido em minha vida.

Deixo aqui o meu reconhecimento a todos os meus **professores**, por todo o conhecimento adquirido e pelo estímulo incessante em nos fazer aprender, sem vocês, nada disso faria sentido! Mas, não posso deixar de lembrar daqueles que marcaram a minha vida por ir muito além do ensino acadêmico, por se preocupar conosco enquanto indivíduos, e que são uma inspiração de humanidade! Deixo aqui o meu muito obrigada com todo o apreço que tenho por vocês! Professores **Álvaro Menin, Alexandre Tavela, Giuliano Figueiró, e Marcos Barreta**; e Profesoras **Aline Scheneider e Sandra Arenhart**.

A minha orientadora, **Rosane Guimarães da Silva**, que aceitou prontamente o meu convite e que, enquanto graduanda, me deu a oportunidade de ser monitora da disciplina por ela ministrada, obrigada por todas as oportunidades! Te admiro pelo ser humano incrível que é, e por ser essa profissional excepcional, obrigada professora!

Agradeço por fim, a **toda a equipe de veterinários e auxiliares** do Hospital Veterinário Santa Vida e do Hospital Veterinário Stolf, por me receberem e acolherem, além de me ensinarem toda a conduta que eu deveria ter enquanto estagiária, pela paciência em sanar as minhas dúvidas e questionamentos, e por me permitirem vivenciar a rotina na prática. Obrigada!

RESUMO

O estágio curricular obrigatório em Medicina Veterinária é essencial na formação acadêmica do discente, uma vez que, associado a todo o conhecimento teórico adquirido durante a graduação, encaminha-o a exercer a profissão com segurança. Ademais, a vivência da rotina permite ao graduando desenvolver o raciocínio clínico, o qual é imprescindível para resolução dos diversos casos. Diante disso, o presente relatório descreve toda a estrutura e funcionalidade dos locais de estágio, bem como as atividades realizadas com toda a casuística acompanhada no setor de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. O estágio curricular obrigatório foi realizado nas seguintes concedentes: no Hospital Veterinário Santa Vida (HVSV), localizado na cidade de São José/SC e no Hospital Veterinário Stolf (HVS), localizado na cidade de Lages/SC.

Palavras-chave: Medicina Veterinária; Hospital Veterinário; Estágio Curricular Obrigatório.

ABSTRACT

The mandatory curricular internship in Veterinary Medicine is essential in the academic formation of the student, since, associated with all the theoretical knowledge acquired during graduation, it guides him to exercise the profession with security. In addition, the experience of routine allows the undergraduate to develop clinical reasoning, which is essential for solving the various cases. In view of this, this report describes the entire structure and functionality of the internship sites, as well as the activities carried out with the entire casuistry monitored in the medical and surgical clinic sector of small animals. The mandatory curricular internship was carried out in the following grantors: at the Santa Vida Veterinary Hospital (HVSV), located in the city of São José/SC and at the Stolf Veterinary Hospital (HVS), located in the city of Lages/SC.

Keywords: Veterinary Medicine; Veterinary Hospital; Mandatory Curricular Internship.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Santa Vida em São José – SC.....	18
Figura 2 e 3 – Recepção e Ambiente de Espera do HVSV.....	20
Figura 4 e 5 – Sala de Espera e Consultório para felinos do HVSV.....	21
Figura 6, 7 e 8 – Consultórios para caninos do HVSV.....	22
Figura 9 – Sala de Vacinação do HVSV.....	23
Figura 10 – Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia do HVSV.....	23
Figura 11 – Sala de Radiografia do HVSV.....	24
Figura 12 – Internação de Felinos do HVSV.....	25
Figura 13 – Internação de Caninos do HVSV.....	26
Figura 14 – Internação de Doenças Infectocontagiosas do HVSV.....	27
Figura 15 – Sala dos Médicos Veterinários do HVSV.....	27
Figura 16, 17 e 18 – Área para Procedimentos Ambulatoriais do HVSV.....	29
Figura 19 – Espaço de Esterilização de Materiais do HVSV.....	31
Figura 20 – Sala de Pré-Operatório do HVSV.....	31
Figura 21 – Centro Cirúrgico do HVSV.....	32
Figura 22 – Sala destinada a Procedimentos Contaminados do HVSV.....	32
Figura 23 – Laboratório de Análises Clínicas do HVSV.....	33
Figura 24 – Fachada do Hospital Veterinário Stolf em Lages – SC.....	35
Figura 25, 26, 27 e 28 – Recepção, Ambiente de Espera e Petshop do HVS.....	37
Figura 29, 30, 31 e 32 – Consultórios para Atendimentos Clínicos do HVS.....	39
Figura 33 – Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia.....	40
Figura 34 – Sala de Radiografia do HVS.....	40

Figura 35 e 36 – Sala para Internação de Felinos do HVS.....	41
Figura 37 – Sala para Internação de Caninos do HVS.....	42
Figura 38 – Sala para Internação de Doenças Infectocontagiosas do HVS.....	43
Figura 39 – Almoxarifado do HVS.....	44
Figura 40 – Área para Procedimentos Ambulatoriais do HVS.....	45
Figura 41 – Sala de Emergência do HVS.....	46
Figura 42 – Sala de Esterilização do HVS.....	46
Figura 43 – Sala para Antissepsia e Paramentação Cirúrgica do HVS.....	47
Figura 44 – Centro Cirúrgico do HVS.....	48
Figura 45 – Sala de Pós-Operatório do HVS.....	49
Figura 46 – Laboratório de Patologia Clínica.....	49

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de pacientes, conforme a espécie e raça, acompanhados em atendimentos clínicos durante o período de estágio em ambas as concedentes.....	52
Tabela 2 – Raças dos pacientes caninos acompanhados durante o estágio em ambas as concedentes.....	53
Tabela 3 – Raças dos pacientes felinos acompanhados durante o estágio em ambas as concedentes.....	54
Tabela 4 – Casuística Clínica dos Sistemas/Especialidades organizados por espécie, acompanhados durante o período de estágio em ambas as concedentes.....	54
Tabela 5 – Casuística Clínica do Sistema Digestório acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	55
Tabela 6 – Casuística Clínica do Sistema Musculoesquelético acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	57
Tabela 7 – Casuística Clínica do Sistema Tegumentar acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	59
Tabela 8 – Casuística Clínica do Sistema Urinário acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	60
Tabela 9 – Casuística Clínica das Doenças Multissistêmicas acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	61
Tabela 10 – Casuística Clínica do Sistema Sensorial acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	62
Tabela 11 – Casuística Clínica do Sistema Endócrino acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	64
Tabela 12 – Casuística Clínica do Sistema Respiratório acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	64

Tabela 13 – Casuística Clínica do Sistema Reprodutor acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	65
Tabela 14 – Casuística Clínica do Sistema Cardiovascular acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	67
Tabela 15 – Casuística Clínica do Sistema Nervoso acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	68
Tabela 16 – Casuística Clínica do Sistema Hemolinfopoiético acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.....	69
Tabela 17 - Casuística cirúrgica total acompanhada durante o estágio no Hospital Veterinário Stolf.....	70

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CE	Corpo Estranho
CMPA	Clínica Médica de Pequenos Animais
CCPA	Clínica Cirúrgica de Pequenos Animais
CPV	Parvovírus Canino
DAAP	Dermatite Alérgica à Picada de Pulga
DAPE	Dermatite Alérgica à Picada de Ectoparasitas
DDIV	Doença do Disco Intervertebral
DII	Doença Inflamatória Intestinal
DRC	Doença Renal Crônica
DTUIF	Doenças do Trato Urinário Inferior dos Felinos
EPI	Equipamento de Proteção Individual
FeLV	Vírus da Leucemia Felina
FIV	Vírus da Imunodeficiência Felina
HVS	Hospital Veterinário Santa Vida
HVSV	Hospital Veterinário Stolf
IRA	Insuficiência Renal Aguda
MPA	Medicação Pré-Anestésica
OSH	Ovariosalpingohisterectomia
PIF	Peritonite Infecciosa Felina
RLC	Ruptura de Ligamento Cruzado
SC	Santa Catarina
SRD	Sem Raça Definida
TPLO	Técnica de Osteotomia e Nivelamento do Platô Tibial
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	OBJETIVOS	17
3	HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA	18
3.1	DESCRIÇÃO DO LOCAL	19
	3.1.1 Recepção.....	19
	3.1.2 Sala de Espera e Consultório para pacientes felinos.....	20
	3.1.3 Consultório para pacientes caninos.....	21
	3.1.4 Sala de Vacinação.....	22
	3.1.5 Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia.....	23
	3.1.6 Sala de Radiografia.....	24
	3.1.7 Internação de Felinos.....	24
	3.1.8 Internação de Caninos.....	25
	3.1.9 Internação de pacientes com Doenças Infectocontagiosas.....	26
	3.1.10 Sala dos Médicos Veterinários.....	27
	3.1.11 Espaço para procedimentos Ambulatoriais e Emergenciais.....	28
	3.1.12 Bloco Cirúrgico.....	29
	3.1.13 Laboratório de Análises Clínicas.....	33
	3.1.14 Área Externa.....	33
3.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO HVSV	34
4	HOSPITAL VETERINÁRIO STOLF	35
4.1	DESCRIÇÃO DO LOCAL	36
	4.1.1 Recepção.....	36
	4.1.2 Consultórios.....	38
	4.1.3 Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia.....	39
	4.1.4 Sala de Radiografia.....	40
	4.1.5 Internação de Felinos.....	41
	4.1.6 Internação de Caninos.....	42
	4.1.7 Internação de pacientes com Doenças Infectocontagiosas.....	42
	4.1.8 Almojarifado.....	43
	4.1.9 Área para Procedimentos Ambulatoriais.....	44
	4.1.10 Sala de Emergência.....	45
	4.1.11 Bloco Cirúrgico.....	46
	4.1.12 Sala de Pós-Operatório.....	48
	4.1.13 Laboratório de Análises Clínicas.....	49
4.2	ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO HVS	50

5	CASUÍSTICA E DISCUSSÃO	51
5.1	CASUÍSTICA DA CLÍNICA MÉDICA DO HVSV E HVS	51
5.2	CASUÍSTICA CIRÚRGICA DO HVS	69
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73

1 INTRODUÇÃO

O estágio curricular obrigatório é um exercício fundamental para a formação do graduando em Medicina Veterinária, visto que, através dessa experiência, é possível obter uma vivência prática que reflete a realidade do profissional da área. Além disso, atribui ao discente a oportunidade de acompanhar a rotina clínica, discutir casos clínicos variados com os médicos veterinários, bem como as possíveis condutas a serem realizadas. Ademais, exercer na prática todo o conhecimento teórico aprendido na graduação, é uma excelente ferramenta para desenvolver as habilidades inerentes à Medicina Veterinária.

Na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a grade curricular disponibiliza a disciplina de Estágio Curricular Obrigatório em Medicina Veterinária, na décima e última fase do curso, sendo necessário o seu cumprimento para a conclusão da graduação. A disciplina possui uma carga horária mínima de 450 horas, sendo que o local e área atuante do estágio é definido pelo próprio discente.

Diante disso, o período de realização do estágio curricular obrigatório foi realizado em duas concedentes, sendo: o Hospital Veterinário Santa Vida (HVSV), localizado na cidade de São José/SC, na unidade do Kobrasol, onde foi contemplada unicamente a área de clínica médica de pequenos animais (CMPA), sendo atingido um total de 160 horas de estágio, do dia 25 de outubro a 23 de novembro de 2021, de segunda à sexta-feira, no horário das 08 às 17 horas, tendo a médica veterinária Flávia Brandini da Silva como supervisora; e o Hospital Veterinário Stolf (HVS), localizado na cidade de Lages/SC, onde foi compreendida a área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais (CMPA e CCPA), e atingido um total de 300 horas de estágio, do dia 29 de novembro de 2021 a 04 de fevereiro de 2022, de segunda à sexta-feira, no horário das 07:30 às 13:30, tendo o médico veterinário Luiz Caian Stolf como supervisor.

O presente relatório descreve o local, estrutura e funcionamento dos referidos Hospitais Veterinários, assim como expõe todas as atividades acompanhadas e desempenhadas durante o estágio curricular obrigatório, descrevendo e discutindo a casuística clínica em ambas as concedentes.

2 OBJETIVO

O presente trabalho tem como finalidade descrever, de forma sucinta, toda a estrutura e funcionamento dos locais de estágio, assim como elencar as atividades acompanhadas e exercidas pela discente durante o período de estágio. Além disso, elaborar e discutir da casuística da clínica médica e cirúrgica de pequenos animais acompanhadas nas concedentes, ressaltando as principais afecções constatadas.

3 HOSPITAL VETERINÁRIO SANTA VIDA

Figura 1 – Fachada do Hospital Veterinário Santa Vida em São José - SC



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

O local designado para cumprimento do primeiro período de estágio curricular obrigatório, foi o Hospital Veterinário Santa Vida (HVSV) (Figura 1), sendo a unidade elegida a que está situado na Rua Adhemar da Silva, nº 668, bairro Kobrasol, no município de São José, Santa Catarina. O HVSV originou-se da união entre o Hospital Veterinário Pet Stop e a Clínica Veterinária Vivá, e atualmente conta com quatro unidades hospitalares completas, localizadas nos bairros Kobrasol, Estreito, Agrônômica (em São José), e Pagani (em Palhoça).

Todas as unidades contam com ambiente hospitalar, pet shop e a área de banho e tosa anexo ao hospital. Dentre os serviços oferecidos pelo HVSV estão os de consultas e atendimentos clínicos, cirurgias, internamento com Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) e emergência 24h. Além disso, conta com exames laboratoriais, como exames de sangue, de coleta e análise; e também exames de imagem como raio-X, ultrassom, eletrocardiograma, ecocardiograma e endoscopia. Ademais, o HVSV dispõe de algumas especialidades veterinárias, tais como cardiologia, dermatologia, endocrinologia, fisioterapia, gastroenterologia, neurologia, nutrição, oftalmologia, oncologia e ortopedia.

A filial do Hospital Veterinário Santa Vida Kobrasol funciona 24 horas por dia, todos os dias da semana, em que o horário comercial é definido de segunda a sexta-feira das 8h às 20 horas (e aos sábados das 8 às 12 horas), e os horários não mencionados, considerados de plantão. A equipe de plantonistas é composta por quatro médicos veterinários, que fazem escala 12 por 36h, sempre das 8h às 20h e 20h às 8h, onde em horários diurnos fica sempre um plantonista acompanhando mais dois médicos veterinários em horários fixos, um deles trabalha das 8h às 17h e outro das 11h às 20h. Além disso, o HVSV possui um cirurgião e uma anestesista, bem como uma imaginologista e uma intensivista que cumprem a carga horária das 9h às 18h. O hospital ainda conta com cinco auxiliares de veterinária, sendo um deles com carga horária fixa de 8h às 17h, e os outros quatro auxiliares cumprem escala 12 por 36h, seguindo os mesmos horários dos médicos veterinários plantonistas. Os médicos veterinários especialistas são volantes, e realizam consultas, atendimentos e exames apenas mediante agendamento.

A limpeza de todo o estabelecimento é realizada por uma funcionária que trabalha em horário comercial e em horário de plantão os auxiliares em veterinária cumprem essa função. O setor de banho e tosa conta com oito profissionais que trabalham das 8h às 17h, e a recepção possui quatro recepcionistas sendo dois deles trabalhando em horário comercial das 8h às 18h e outros dois fazendo escala 12 por 36h.

O HVSV usa o Sistema SimplesVet, onde é possível organizar as fichas dos pacientes, expor a anamnese completa com exame físico e receituário, bem como toda a conduta clínica e procedimentos realizados no animal.

3.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL

3.1.1 Recepção

A estrutura do HVSV é dividida em diversas áreas, onde cada uma delas desempenha uma função importante para o bom funcionamento dos serviços prestados. Ao adentrar o estabelecimento, é possível visualizar uma recepção (Figura 2) ampla e bem planejada, onde ficam os recepcionistas, que além de

manterem o primeiro contato com os clientes, fazem o cadastro dos animais e proporcionam informações como o agendamento de consultas, cirurgias e exames, valores e formas de pagamento dos procedimentos, orientação e venda de produtos do pet shop, dentre outros.

A área do pet shop fica adjunta à recepção, onde são oferecidos diversos tipos de produtos, dentre eles os alimentares, terapêuticos, higiênicos, lúdicos, roupas e acessórios. Ainda no mesmo espaço do lado oposto, possui um ambiente de espera (Figura 3) que oferece comodidade aos tutores para aguardar o atendimento. Para tanto conta com cadeiras, televisão, cafeteira e ambiente climatizado.

Figura 2 e 3 – Recepção e Ambiente de Espera do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.2 Sala de espera e consultório para pacientes felinos

O Hospital conta com uma estrutura especializada para receber os felinos, em um ambiente tranquilo, livre de odores e ruídos externos, o qual proporciona maior bem-estar ao paciente, evitando situações de estresse. Anexo à sala de espera (Figura 4) tem o consultório exclusivo para os felinos (Figura 5), que possui uma balança, e todas as ferramentas necessárias para a realização de um atendimento clínico, onde é feita a anamnese completa do paciente, exame físico, aplicação de medicações, coleta de materiais biológicos e conduta clínica. Para pesar os gatos, o consultório também possui uma balança específica. O

espaço também conta com muito enriquecimento ambiental, o que proporciona conforto e tranquilidade ao paciente.

Figura 4 e 5 – Sala de espera e consultório para pacientes felinos do HVSV.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.3 Consultórios para pacientes caninos

O HVSV conta com três consultórios clínicos gerais (Figuras 6, 7 e 8) destinados a consulta de pacientes caninos. Em todos os consultórios (incluindo o de felinos), possui uma mesa com computador onde é colocado todo o histórico do paciente através da anamnese. Além disso, possui uma mesa de aço inox onde é feito o exame físico no animal, um balcão com todo o material necessário para o exame como termômetro, estetoscópio, otoscópio, além de materiais para possíveis coletas de amostras biológicas como seringas, agulhas, cateteres, garrotes, swabs, lâminas, etc.; alguns instrumentais cirúrgicos como pinças, tesouras, dentre outros. Para pesar os pacientes caninos, uma única balança presente no corredor entre os consultórios é usada. Uma pia com sabonete e com papel toalha descartável, bem como álcool, água oxigenada e clorexidina, são produtos disponíveis para a higienização contidos em todos os consultórios.

Figura 6, 7 e 8 – Consultórios de pacientes caninos do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal.

3.1.4 Sala de Vacinação

Na sala de vacinação (Figura 9) é realizada a imunização de pacientes caninos e felinos. É equipada com materiais necessários para efetuar a vacinação dos pacientes, como: um balcão de mármore para contenção do paciente, um balcão com pia, sabonete e papel toalha para higienização das mãos, uma balança pequena para pesar os pacientes, um computador para acessar a ficha do animal, um frigobar para acondicionar as vacinas de forma adequada, um lixo infectante e um caixa para descartar materiais perfurocortantes.

Figura 9 – Sala de Vacinação do HVSV.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.5 Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia

O HVSV conta com uma sala específica para a realização de imagens ultrassonográficas, bem como ecocardiográficas (Figura 10). Contém um aparelho de ultrassom com gel e dois tipos de transdutores: o convexo e o linear. Além disso, trata-se de um ambiente climatizado, com uma mesa de aço inox e uma calha para auxiliar no posicionamento adequado do paciente. Possui uma máquina para realizar tricotomia, álcool e água oxigenada, e tem à disposição seringas e agulhas para fazer cistocentese.

Figura 10 - Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.6 Sala de Radiografia

A sala destinada para exames radiográficos (Figura 11) possui as paredes baritadas e a porta contém uma placa de chumbo, contém uma mesa com a possibilidade de uso de uma calha para melhor posicionamento do paciente, um equipamento radiográfico fixo com um aparelho que lê as imagens das placas do raio X onde são projetadas num computador para observação das imagens feitas. O espaço conta com equipamentos de proteção individual (EPIs) radiológica específicos para uso interno, dentre eles estão os aventais de chumbo e protetores de tireoide.

Figura 11 – Sala de radiografia do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.7 Internação de Felinos

A sala de internação dos felinos (Figura 12) contém sete baias de cimento todas em azulejo com tamanho considerável. Diariamente as baias são higienizadas com desinfetante, os tapetes higiênicos ou areia, bem como as cobertas são trocados sempre que estiverem sujos. O ambiente conta com um armário aéreo que possui caixas de areia, tapetes higiênicos, potes para ração e rações específicas para felinos. Conta também com uma pia com sabonete líquido, papel toalha, álcool, água oxigenada e amônia, tudo para higienização do ambiente. Além disso, contém soro fisiológico disponível para limpeza de

feridas. As portas das baias são de vidro e ali possui informações importantes, como nome do paciente, peso, temperamento, suspeita ou diagnóstico clínico.

Figura 12 - Internação de felinos do HVSV.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.8 Internação de Caninos

A sala de internação dos caninos (Figura 13) é ampla, contendo dezessete baias de cimento todas em azulejo com tamanho significativo. Da mesma forma que na internação dos felinos, possui todo o material para desinfecção das baias, como desinfetante, amônia e álcool, onde também é usada uma mangueira para higienização. No ambiente também possui um frigobar para preservação de medicações abertas ou daquelas que precisam estar refrigeradas. Em cima das baias contém cobertores e tapetes higiênicos para acomodação dos pacientes. As bombas de infusão ficam dispostas acima das baias para uso geral da internação, e alguns equipamentos como o Doppler, estetoscópio, termômetro e glicosímetro, bem como gazes, esparadrapos, algodão e compressas ficam ali colocados para auxílio na realização dos parâmetros fisiológicos e manejo de curativos. Um computador também está à disposição no local, onde é possível identificar a ficha de cada paciente internado (tanto caninos quanto felinos), e acompanhar o cuidado que deve ser realizado com o mesmo a cada hora, como aplicação de medicações, com o fármaco, dose e via de administração;

fornecimento de água e alimento ou jejum; ajuste de taxa de fluidoterapia; realização de parâmetros fisiológicos, dentre outros.

Figura 13 – Internação de caninos do HVSV.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.9 Internação de Doenças Infectocontagiosas

A sala de internação de Doenças Infectocontagiosas (Figura 14) é destinada para pacientes caninos e felinos com diagnóstico confirmado para doenças infecciosas. Possui seis baias amplas de cimento em azulejo, materiais para higienização e desinfecção das baias como desinfetante, amônia quaternária e álcool. Além disso, possui lixeira específica infectante e uma destinada a lixo comum, e uma caixa de descarte de material perfurocortante. Contém uma mesa de aço inox para contenção e manipulação dos pacientes, um tanque com mangueira e um soprador para realizar a higiene dos animais.

Figura 14 – Internação de Doenças Infectocontagiosas do HVSV.



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.10 Sala dos Médicos Veterinários

A sala dos médicos veterinários (Figura 15) é o ambiente onde eles têm acesso a dois computadores para fazerem pesquisas, verificarem resultados de exames laboratoriais dos pacientes, realizarem ajustes no manejo de seus pacientes internados, prescreverem receitas, entrar em contato com os tutores de forma remota, etc. Utilizam esse ambiente para discutirem casos clínicos entre os colegas médicos veterinários, compartilham opiniões e condutas de casos próprios que são expostos. No local contém quatro cadeiras e uma mini biblioteca com diversos livros da área de clínica médica e cirúrgica de pequenos animais, bem como de especializações. Possui uma porta no local que dá para o dormitório dos médicos veterinários plantonistas, em que possui uma cama e um armário para guardar seus pertences.

Figura 15 – Sala dos Médicos Veterinários do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.11 Espaço para Procedimentos ambulatoriais e emergenciais

A área destinada para procedimentos ambulatoriais e emergenciais (Figura 17) é bem extensa, e é o local onde os médicos veterinários encaminham os pacientes, sobretudo para coleta de material biológico e manejo específico dos animais internados. Contém uma mesa grande de aço inox contendo materiais diversos como seringas, agulhas, fios de sutura, cateteres, algodões, gazes, esparadrapos, álcool, água oxigenada, clorexidine, ataduras, compressas, tesouras, pinças, estetoscópios, dentre outros. Nas gavetas e portas dessa ilha de aço inox possui sondas (uretral e nasogástrica), tubos para coleta de sangue, swabs, equipos, bandagens, etc. Do outro lado do desse balcão de aço inox tem uma ducha higiênica para realizar limpeza e higienização dos animais e uma pia ao lado para uso geral.

No mesmo ambiente é possível identificar um balcão (Figura 18) com uma caixa para descarte de material perfurocortante, e algumas medicações com ampolas já abertas. Nas gavetas são dispostos frascos e ampolas de medicações injetáveis, organizados em ordem alfabética para localizar facilmente cada um deles, de acordo com o seu uso: antibióticos, anti-inflamatórios, analgésicos, opioides, anestésicos, antiemético e medicações de emergência. No interior das portas do balcão tem diversas soluções tópicas como pomadas, cremes e colírios bem como soluções otológicas para limpeza e medicações de uso oral (comprimidos e capsulas). Além disso, contem os soros fisiológicos como o NaCl 0,9% e o Ringer Lactato e Glicose a 5% variando de 100ml a 1L, e outras soluções como de manitol e metronidazol.

Do lado oposto no mesmo setor, é o local de intensivismo (Figura 16), onde são colocados e manejados os pacientes mais graves que necessitam de um cuidado e supervisão constante. O ambiente é equipado com uma mesa de aço inox para manipulação do paciente, bem como equipamentos fundamentais numa situação emergencial como kit completo de oxigênio com válvula reguladora com fluxômetro acoplado ao cilindro de oxigênio, sondas endotraqueais de diversos tamanhos, medicações de uso emergencial em casos de parada cardiorrespiratória como adrenalina e atropina e suportes para soro fisiológico. Além disso contém dois berços de aço inox acolchoados e uma incubadora para acomodar neonatos. Conta ainda com um computador e uma

cadeira onde fica a médica veterinária da internação, responsável por dar suporte a esses pacientes que exigem cuidados.

Figura 16, 17 e 18 - Área de Intensivismo e Procedimentos Ambulatoriais do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.12 Bloco Cirúrgico

O bloco cirúrgico é separado em quatro espaços bem definidos, sendo o primeiro deles a sala de esterilização (Figura 19), onde é possível observar a autoclave e estufa, que são usadas para esterilização de todos os materiais utilizados nos procedimentos cirúrgicos, como caixas de instrumentais cirúrgicos, compressas estéreis, campos cirúrgicos, etc. Possui uma bancada com uma pia para limpeza dos materiais e armários onde contém alguns materiais de limpeza usados no centro cirúrgico e para reposição de outros setores, como álcool, água oxigenada, água sanitária, clorexidina, etc. Antes de

chegar até a área limpa, tem um corredor usado para antissepsia e paramentação da equipe que fará a cirurgia, e uma pia para antissepsia e ao lado direito a sala de cirurgia, onde só é possível entrar com o uso de touca, máscara e propé.

A sala de cirurgia contém uma janela ampla de vidro onde é permitido acompanhar a cirurgia sem que precise entrar na zona estéril. A sala de operação onde ocorrem os procedimentos cirúrgicos (Figura 21) é bem equipada e conta com uma mesa cirúrgica de aço inox para disposição do paciente, uma mesa para organização dos instrumentais cirúrgicos e compressas estéreis, um foco de luz, aparelho de anestesia inalatória, Doppler vascular para aferição da pressão arterial, capnógrafo para monitorar a pressão parcial de CO₂ expirado, laringoscópio para intubação orotraqueal, sondas endotraqueais de diversos tamanhos, suporte para soro fisiológico, gazes e algodões, água oxigenada, álcool e clorexidina para higienização do local onde será feita a incisão cirúrgica.

O terceiro espaço (Figura 20) é destinado para realizar o acesso venoso no paciente com fluidoterapia que será submetido a cirurgia juntamente com a aplicação de medicação pré-anestésica. Esse paciente fica numa baia de cimento azulejada com porta de vidro abaixo de uma bancada de mármore aguardando o efeito sedativo da medicação. Em cima dessa bancada tem uma caixa de descarte de materiais perfurocortantes, estão dispostos cateteres, esparadrapos, algodões e gazes, água oxigenada e álcool e máquina para tricotomia. Do lado oposto desse ambiente temos uma lixeira e uma pia com sabonete líquido e papel toalha para limpeza e higienização das mãos.

O quarto espaço é a área suja ou contaminada (Figura 22), onde são realizados sobretudo profilaxias dentárias, contendo uma mesa de aço inox para acomodar o paciente, os instrumentais específicos para realização da limpeza dos dentes, um aparelho de anestesia inalatória, equipamentos para intubação como laringoscópio e sondas endotraqueais, cateteres, agulhas e seringas, medicações, compressas, álcool e água oxigenada, todos dispostos em uma bancada.

Figura 19 – Espaço de Esterilização de Materiais do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

Figura 20 – Sala de Pré-Operatório do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

Figura 21 – Centro Cirúrgico do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

Figura 22 – Sala destinada a Procedimentos Contaminados do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

3.1.13 Laboratório de Análises Clínicas

O HVSV conta com um laboratório de Patologia Clínica bem equipado, situado no segundo andar, onde são encaminhadas amostras biológicas dos pacientes para realização de exames como hemograma, bioquímica sérica, exame coproparasitológico e urinálise. Solicitações de exames mais específicos são encaminhados para análise em outro laboratório.

Figura 23 – Laboratório de Análises Clínicas do HVSV



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

3.1.14 Área Externa

O HVSV possui uma área externa ao fundo do estabelecimento, normalmente usada para passeio diário de paciente internados. Através dessa área é possível ter acesso ao banho e tosa, bem como a lavanderia, onde são higienizadas as cobertas, panos, tapetes, toalhas e afins usados em todos os ambientes do hospital, contendo uma máquina de lavar roupas e dois tanques. Ao lado possui uma divisória que dá para outro ambiente que contém uma prateleira com algumas cobertas e toalhas limpas, alguns alimentos específicos, um frigobar com sachês e patês abertos dos pacientes internados, um tanque onde normalmente é feita a lavagem de caixas de areia e potes de ração. Essa área externa também leva ao refeitório compartilhado com todos os funcionários do Hospital, onde são feitas as refeições com armários dispostos para guardar pertences.

3.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO HVSV

O estágio curricular obrigatório no HVSV esteve sob a supervisão da médica veterinária Flávia Brandini da Silva, tendo início no dia 25 de outubro de 2021 e término no dia 23 de novembro de 2021, sendo exercido de segunda à sexta-feira, das 8h às 17h, totalizando 160 horas. Dentre as atividades desenvolvidas durante esse período, estiveram o acompanhamento em atendimentos clínicos e retornos; auxílio na contenção e manipulação do paciente em exame físico, bem como ao realizar acesso venoso e coleta de amostras biológicas; auxílio em exames de imagem como ultrassonografia, ecocardiografia e radiografia; cuidado e amparo aos pacientes internados, bem como realização de manejo de feridas e curativos, fluidoterapia, alimentação, passeios, administração de medicações, aferição de parâmetros fisiológicos duas vezes ao dia (às 8h e 16h) e eventualmente quando necessário aferição de glicemia; acompanhamento de emergências; higienização e limpeza de baias após saída de pacientes internados, de consultórios e de mesas e bancadas usadas para manipulação do animal. Os casos clínicos acompanhados podiam ser discutidos mediante solicitação do estagiário para os médicos veterinários, sempre solícitos ao expor a sua conduta clínica, a razão para a prescrição de determinadas medicações e solicitações de exames complementares, auxiliando a estagiária na construção do raciocínio clínico.

4 HOSPITAL VETERINÁRIO STOLF

Figura 24 – Fachada do Hospital Veterinário Stolf em Lages – SC



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

O local escolhido para cumprimento do segundo período de estágio curricular obrigatório, foi o Hospital Veterinário Stolf (HVS), localizado na rua Walmor Ribeiro, nº 288, bairro Coral, no município de Lages, Santa Catarina. No ano de 1991, os médicos veterinários Luiz Stolf e Magali Gnewuch Stolf fundaram a Clínica Veterinária Cães e Gatos, que, após 19 anos tornou-se o Hospital Veterinário Stolf. Essa transição ocorreu devido ao desenvolvimento significativo da empresa, com a chegada de novos equipamentos e o aprimoramento da equipe, proporcionando assim serviços mais especializados para os pacientes.

O HVS atua em variadas áreas da clínica médica e cirúrgica de pequenos animais, com diversos serviços prestados, dentre eles: atendimento clínico geral, exames de imagem como radiografia, ultrassonografia e ecocardiograma, eletrocardiograma, endoscopia, internamento, cirurgias e emergência 24h. Além disso, o HSV possui algumas especialidades veterinárias, tais como anestesia, cardiologia, dermatologia, oftalmologia, oncologia, ortopedia e fisioterapia. Técnicas de acupuntura, ozonioterapia e crioterapia também são empregadas.

O HVS funciona de segunda à sexta-feira das 07:30 às 19:30 em horário comercial, sábado das 8h às 14h, domingo das 10h às 12h e das 16h às 18h. Horários não incluídos nos reportados, são considerados de plantão. Os plantões são de responsabilidade de três médicas veterinárias residentes, que ficam à disposição e fazem revezamento entre o atendimento clínico e os cuidados com os pacientes internados. Em horários comerciais, em cada turno, pelo menos três veterinários ficam em prontidão, e, somente no horário das 12:00 às 13:30, fica uma veterinária em serviço. Sendo assim, a equipe médica é composta por seis clínicos gerais, três plantonistas e uma veterinária da internação. Dentre os que realizam atendimentos clínicos, estão dois cirurgiões e três anestesiistas, que de acordo com a demanda, cumprem seus exercícios com excelência. O hospital conta também com três auxiliares de veterinária, e uma funcionária que realiza a limpeza do local. Possui duas veterinárias responsáveis pelas análises clínicas, duas colaboradoras no almoxarifado (cada uma em um turno), e três funcionários na recepção.

O HVS utiliza o Sistema DoctorVet, onde são organizados todos os dados e a ficha do paciente, com todos os procedimentos realizados, os históricos e queixas clínicas, detalhamento dos procedimentos clínicos, cirúrgicos, anestésicos, etc.

4.1 DESCRIÇÃO DO LOCAL

4.1.1 Recepção

A estrutura do HVS é bem organizada e compartimentalizada, propiciando um ambiente produtivo para a realização das atividades empreendidas. Logo na entrada do estabelecimento, está disposta uma extensa recepção (Figura 25) conduzida pelos recepcionistas, que se colocam à disposição para receber os pacientes para procedimentos, fazem o cadastro e ficha dos animais, atendem aos questionamentos e eventuais dúvidas a respeito dos tipos de serviços prestados, agendamentos, consultas, cirurgias, exames com todos os custos relacionados, bem como executam a venda de produtos presentes no pet shop, o qual fica anexo à recepção.

Da mesma forma que no HVSV, o pet shop (Figura 27 e 28) do HVS conta com diversos produtos de várias linhas para pequenos animais. Possui também um espaço confortável, climatizado, onde são dispostas algumas cadeiras e uma televisão, e é utilizado com um ambiente de espera (Figura 26), localizado ao lado da recepção.

Figura 25, 26, 27 e 28 – Recepção, Ambiente de Espera e Petshop



4.1.2 Consultórios

O HVS é equipado com quatro consultórios clínicos, sendo o primeiro um consultório principal, onde ocorrem o maior número de atendimentos, e outros três consultórios para os demais atendimentos simultâneos. Todos os consultórios possuem uma mesa com um computador onde é registrado todo o histórico e dados do paciente e terapêutica instaurada, duas cadeiras para acomodação dos tutores, uma mesa de aço inox para melhor contenção, manipulação e realização de exame físico completo do animal, um balcão dispondo de todos os instrumentos indispensáveis no atendimento ao paciente, como estetoscópio, termômetro, otoscópio, lanterna ocular, alguns instrumentais cirúrgicos como pinças anatômicas e hemostáticas e tesouras, produtos para limpeza e higienização como álcool 70%, álcool iodado, iodopovidona, desinfetante, bem como gaze, algodão, luvas e esparadrapos, estão presentes em todos os consultórios, além de uma pia com sabonete e com papel toalha descartável. Ademais, lixeiros comuns e caixas de perfurocortantes, contém também armários aéreos onde estão dispostos livros para estudo de diversas áreas da clínica médica e cirúrgica de pequenos animais. O consultório principal é o único que contém uma balança para pesagem apenas de animais de pequeno porte; animais de porte maior são pesados numa balança que fica no corredor entre os consultórios.

Figura 29, 30, 31 e 32 – Consultórios para atendimentos clínicos do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.3 Sala de Ultrassonografia e Ecocardiografia

O HVS possui uma sala climatizada destinada a realização de exames de ultrassom e ecocardiograma (Figura 33), e possui um aparelho de ultrassom dispondo de dois tipos de transdutores: o convexo e o linear, além de gel condutor para possibilitar os exames. Contém compressas e álcool para limpeza do paciente pós-procedimento, além de água oxigenada. O animal fica sobre uma mesa com angulação regulável, onde é colocada uma calha acolchoada para melhor posicionamento do paciente. Possui também dois computadores, sendo um para ter acesso ao sistema e conseguir ou adicionar os dados do paciente, onde é realizado o eletrocardiograma e onde são elaborados os laudos e impressos pela impressora ali presente. Além dos referidos exames, a cistocentese guiada pelo ultrassom é comumente realizada. E o outro é utilizado

para visualização das imagens radiográficas, uma vez que o chassi é colocado no aparelho disposto anexo ao computador para leitura da imagem.

Figura 33 – Sala para realização de Exames Ultrassonográficos e Ecocardiográficos do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.4 Sala de Radiografia

A sala destinada para os exames radiográficos (Figura 34) possui as paredes baritadas e a porta chumbada para impedir que a radiação ultrapasse. Contém o aparelho de raio-X, um biombo radiológico, equipamentos de proteção individual (EPIs) radiológica como avental de chumbo e protetores de tireoide. Possui uma mesa ajustável para posicionamento do paciente, álcool e papel toalha para limpeza após realizado o procedimento.

Figura 34 – Sala para a realização de Exames Radiográficos do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.5 Internação de Felinos

O HVS conta com uma sala de internação exclusiva para felinos (Figura 35 e 36) contendo doze baias em granito, com portas de alumínio. Um balcão de granito usado para efetuar os parâmetros vitais do paciente (quando não é possível no interior da baia) ou para manejo de curativos. Nos armários abaixo do balcão estão organizados caixas de areia e potes para água e ração, bem como tapetes higiênicos. Contém ainda outros armários onde são armazenadas as rações, pequenas cestas de plástico individuais identificadas com o nome de paciente onde são dispostas as medicações por eles usadas (quando estas não necessitam de refrigeração), bem como seringas para flushing ou para realização de alimentação forçada; e do outro lado possui produtos para higienização como álcool, água oxigenada, povidine, desinfetante, assim como esparadrapo, gazes, algodões, pinças e tesouras; ainda conta com termômetro e estetoscópio. O ambiente possui uma pia para limpeza de mãos, caixas de areia e potes, conta com um lixeiro comum e uma caixa perfurocortante, e um cesto grande para colocar os cobertores sujos e um outro para os cobertores limpos, que são sempre acomodados na baia com o animal, juntamente com uma caixa de areia, um tapete higiênico, água e ração (caso não esteja em jejum). O prontuário de cada paciente geralmente é pendurado na baia de cada um, e suportes para soro e bomba de infusão estão disponíveis no local.

Figura 35 e 36 – Sala para Internação de Felinos



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.6 Internação de Caninos

A sala de internação dos caninos (Figura 37) possui onze baias azulejadas com portas de vidro (onde os prontosuários são dispostos), sendo as baias propositalmente de tamanhos distintos para acomodar pacientes de porte pequeno, médio, grande ou gigante, conforme demanda. Acima possui baias que são usadas para armazenamento de tapetes higiênicos e camas. Contém um pequeno frigobar para armazenamento exclusivo de alimentos como sachês, rações úmidas, alimentos caseiros (levados pelos próprios tutores). Conta com armários aéreos onde são armazenados os mesmos itens que no gatil, tanto as rações e potes, quanto os produtos de limpeza e material ambulatorial básico, as cestas de cada paciente, (vide item 4.1.5). Também conta com uma pia para higienização das mãos com sabonete e papel toalha descartável. Um lixeiro comum está presente no local e da mesma forma que no gatil, um cesto para com as coberturas limpas e um outro para as coberturas sujas. Um balcão de granito presente no local geralmente é usado da mesma forma que no gatil, para aferição dos parâmetros fisiológicos e manejo de feridas.

Figura 37 – Sala para Internação de Caninos



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.7 Internação de Doenças Infectocontagiosas (Isolamento)

A sala de internação de Doenças Infectocontagiosas (Figura 38) é designada para pacientes tanto caninos e felinos com diagnóstico confirmado

para doenças infecciosas. Contém cinco baias azulejadas com portas de vidro (onde fica o prontuário dependurado), onde os pacientes são colocados sempre com um tapete higiênico e um cobertor, um armário aéreo contendo os mesmos itens da internação de caninos e felinos (vide 4.1.5). Conta com um balcão de granito para realizar as mesmas funções das outras salas de internação, um lixeiro, dois cestos, sendo um para cobertores limpos e outros sujos, pia com sabonete e papel toalha descartável para limpeza das mãos. Possui abaixo da pia um armário onde são colocadas aveias utilizadas para aquecimento dos pacientes hipotérmicos, que são aquecidas num micro-ondas também disposto no isolamento, que é usado ainda para a alimentação ou soluções fisiológicas, quando necessário.

Figura 38 – Sala para Internação de Pacientes com Doenças Infectocontagiosas



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.8 Almoxarifado

O almoxarifado (Figura 39) é uma sala destinada à estocagem de todo o material de uso interno, desde cateteres, agulhas, seringas, todas as medicações (de uso oral, tópico, injetável), equipos, soluções fisiológicas, fios cirúrgicos, luvas estéreis, ataduras, colar elizabetano, roupas pós-cirúrgicas, dentre outros. Além disso possui um pequeno frigobar para armazenamento de vacinas e outro para acondicionar medicações que precisam ser refrigeradas. A

reposição de materiais de limpeza e higiene como desinfetante, álcool, água sanitária, água oxigenada, povidine, sabonete líquido e papel toalha são feitas são realizadas no almoxarifado. Todo o material que precisa ser usado deve ser comunicado a funcionária ali presente, com a informação do nome do paciente e do tutor, para registro no sistema.

Figura 39 – Almoxarifado do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.9 Área para procedimentos ambulatoriais

Trata-se de um espaço (Figura 40) destinado a procedimentos que incluem acesso venoso, coleta de sangue, aplicação de medicamentos, alguns procedimentos de fisioterapia e eventualmente troca de curativos de animais maiores. O espaço conta com duas mesas, sendo uma de aço inox e outra de granito e todos os materiais dispostos para os procedimentos mencionados como gaze, algodão, álcool, água oxigenada, iodo povidona, esparadrapo, papel toalha. Lixo comum e caixa de descarte para material perfurocortante.

Figura 40 – Área destinada a Procedimentos Ambulatoriais



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.10 Sala de Emergência

Para os casos emergenciais, o HVS conta com uma sala específica (Figura 41), contendo uma mesa de aço inox e sobre ela está disposto um colchão térmico com uma coberta, tricótomo, soluções fisiológicas e equipos já montados, álcool, algodões, gases, estetoscópio, termômetro, laringoscópio, traqueotubos de diversos tamanhos, cilindro de oxigênio com mangueira de oxigênio e balão para realizar a ventilação mecânica. Fármacos de emergência como epinefrina e atropina também estão disponíveis no local, assim como agulhas e seringas, cateteres, esparadrapos, luvas, pinças e tesouras. Ademais, possui lixeira comum e caixa para descarte de material perfurocortante no local.

Figura 41 – Sala de Emergência do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.11 Bloco Cirúrgico

O Bloco Cirúrgico do HVS é bem planejado, sendo dividido em três áreas principais: a primeira delas é a sala de Esterilização (Figura 42), onde todo o material cirúrgico é esterilizado, como aventais, campos e instrumentais cirúrgicos, campos de mesa, compressas, os quais são armazenados dentro de armários. Possui duas autoclaves, duas bancadas em mármore sendo uma com pia para limpeza e higiene dos materiais antes da esterilização, e outra para embalar os materiais com papel grau cirúrgico que serão autoclavados.

Figura 42 – Sala para Esterilização dos materiais utilizados na cirurgia



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

A segunda área principal é a sala de antissepsia e paramentação cirúrgica (Figura 43). O local possui dois armários aéreos contendo tanto caixas básicas de instrumentais cirúrgicos, bem como para procedimentos mais especializados, como caixas de instrumentais ortopédicos e oftálmicos. Além disso, armazena cubas contendo gazes e pinça foerster que são usados para antissepsia do campo cirúrgico. Contem um lixo comum e um lixo biológico. Os campos de mesa e cirúrgicos, aventais, luvas, máscaras, toucas são organizados dentro de um armário maior. Uma pia com pedal para realizar a lavagem de mãos com clorexidina degermante para alcançar o maior grau de assepsia possível. Antes de iniciar o processo de antissepsia, na bancada de mármore já ficam dispostos o material necessário para realizar a paramentação, que é seguida nesta ordem: após lavagem de mãos e antebraço, secagem da região com compressa estéril (embalada juntamente com o avental), feito isso, coloca-se o avental e por último as luvas estéreis. Todo o material contido neste setor que será usado na cirurgia, já passou pelo processo de esterilização.

Figura 43 – Sala para antissepsia e paramentação cirúrgica



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

A terceira área é o Centro Cirúrgico (Figura 44), que contém uma mesa cirúrgica de aço inoxidável regulável, e outra equivalente não regulável para colocação e organização do campo de mesa e instrumentais cirúrgicos esterilizados. Abaixo desta mesa, possui um compartimento onde dispõe de algodão, esparadrapo, curativo filme transparente, álcool 70%, iodopovidona e água oxigenada. Duas mesas menores, sendo uma para auxiliar o anestesista na

monitoração do paciente e a outra para efetuar a antissepsia do campo cirúrgico. Dentre os equipamentos estão um foco de luz, um aparelho de anestesia inalatória com monitor, tubos de saída de oxigênio, laringoscópio, traqueotubos de vários tamanhos, uma prateleira de uso do anestesista com doppler para monitoração de pressão arterial, estetoscópio, medicamentos anestésicos.

Figura 44 – Centro Cirúrgico do HVS



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.1.12 Sala de Pós Operatório

A sala de pós operatório é o destino da maior parte dos pacientes no pós-cirúrgico, para proporcionar um ambiente mais tranquilo para a recuperação anestésica. Possui uma estrutura de alumínio contendo quatro baias, uma mesa de aço inox para algumas condutas ambulatoriais, contendo à disposição uma bancada com estetoscópio, termômetro, gazes, algodões, soros para limpeza de feridas, suporte para fluidoterapia, álcool 70%, água oxigenada, iodopovidona, pinças e tesouras, esparadrapos, luvas, e uma caixa transparente com cobertores limpos e tapetes higiênicos à disposição. Possui um lixo comum e uma caixa para descarte de material perfurocortante. Todas as bombas de infusão que não estão sendo utilizadas são postas em cima das baias de alumínio, e quando necessário o seu uso em qualquer setor da internação, é retirado deste local. Ademais, conta ainda com laringoscópio, traqueotubos, aparelho de anestesia, saída de tubo de oxigênio. Os procedimentos de profilaxia

dentária são efetuados neste local, sendo assim, abaixo da bancada possui todo o material necessário para realizá-lo.

Figura 45 – Sala de Pós-Operatório



Fonte: Arquivo Pessoal (2021).

4.1.13 Laboratório de Análises Clínicas

O HVS é equipado com um laboratório de Patologia Clínica bem estruturado, onde são encaminhadas as amostras sanguíneas e urinárias ou de líquidos cavitários dos pacientes para submetê-los a análise. Possui um microscópio, um analisador bioquímico e outro hematológico automático, pipetas e refratômetro, capilares, tubos de coleta, reagentes, destilador e lâminas. Computador e impressora para registro e impressão de laudos, lixo comum e perfurocortante e uma geladeira para armazenamento das amostras biológicas.

Figura 46 – Laboratório de Patologia Clínica



Fonte: Arquivo Pessoal (2021)

4.2 ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO HVS

O estágio curricular obrigatório no HVS esteve sob supervisão do médico veterinário Luiz Caian Stolf, tendo início no dia 29 de novembro de 2021 e término no dia 04 de fevereiro de 2022, sendo realizado de segunda à sexta-feira, das 07:30 às 13:30, totalizando 300 horas. O diferencial do HVS comparado à outra concedente é que os estagiários tinham obrigatoriedade de semanalmente passar por um setor diferente da clínica médica, cirúrgica e internação.

Diante disso, quando a estagiária esteve no setor da clínica médica, as atividades que cumpriu foram: estar atenta aos pacientes que chegavam, informando o veterinário que iria atendê-lo e realizar a pesagem do animal; estar presente durante as consultas e retornos auxiliando o veterinário na contenção e manipulação durante o exame clínico; agir com proatividade ao levar os materiais necessários durante o exame físico, sempre fazer a limpeza e higienização do consultório após cada consulta; acompanhar exames de imagem (ultrassonografia, radiografia e ecocardiografia) e auxiliar na contenção e posicionamento para realização do mesmo; caso o paciente após o atendimento clínico necessitasse ficar internado, fazia-se necessário auxiliar nos primeiros procedimentos como acesso venoso e fluidoterapia.

No setor de clínica cirúrgica, a estagiária executou as tarefas propostas, que foram: realizar exame físico com do paciente antes da medicação pré-anestésica (MPA); contribuir para o preparo do paciente para a cirurgia, como efetuar a tricotomia, deixar o soro com equipo montado, amparar no acesso venoso e transportar o paciente para o centro cirúrgico; organizar o centro cirúrgico deixando os materiais disponíveis; atuar como auxiliar ou volante na cirurgia; realizar limpeza e curativo imediato ao pós operatório mediante orientação do cirurgião; fazer a limpeza e organização do centro cirúrgico após o procedimento; acompanhar a recuperação anestésica do paciente no pós operatório.

No setor da internação, a estagiária ficou responsável por cumprir as seguintes atividades: aferir parâmetros fisiológicos dos pacientes internados; preparar medicações nas seringas conforme medicações expostas no prontuário

do paciente; efetuar rondas frequentes nas salas de internação para verificar estado geral de cada animal, se está em condições sanitárias adequadas, limpo e seco; conferir todos os soros, efetuar a limpeza de equipos e extensores, manusear a bomba de infusão quando necessário; oferecer alimentação apropriada mediante solicitação; acompanhamento de visitas. A evolução dos casos clínicos foi muitas vezes compreendida mediante a compreensão do histórico do paciente e exame físico, exames complementares (quando realizados) e diálogo com os médicos veterinários.

5 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO

5.1 CASUÍSTICA E DISCUSSÃO DA CLÍNICA MÉDICA DO HVSV E HVS

No Hospital Veterinário Santa Vida (HVSV), a estagiária não tinha obrigatoriedade em manter-se em um setor específico, podendo selecionar a área de sua predileção entre a clínica médica e a clínica cirúrgica. Sendo assim, a escolha foi permanecer no setor de clínica médica e também da internação. Já no Hospital Veterinário Stolf (HVS), era feito um rodízio semanal obrigatório entre os estagiários, e todos deveriam passar nos setores de clínica médica, cirúrgica e internação. Diante disso, a seguir serão descritas a casuística de clínica médica tanto do HVSV quanto do HVS e, a casuística cirúrgica do HVS (item 5.2).

Durante toda a realização do estágio curricular, que ocorreu do dia 25 de outubro de 2021 a 04 de fevereiro de 2022, foram assistidos um total de 146 atendimentos clínicos, sendo que destes, 47 (32,19%) foram acompanhados no Hospital Veterinário Santa Vida e 99 (67,81%) no Hospital Veterinário Stolf, que serão apresentados a seguir. Contudo, para aqueles pacientes que apresentaram mais de uma afecção, foi considerada a alteração de maior relevância clínica.

Em ambas as concedentes, a maior casuística foi da espécie canina (*Canis familiaris*), representando 72,34% do total de casos no HVSV e 80,8% no

HVS. Consequentemente, a espécie felina (*Felis catus*) representou uma incidência menor de casos, tanto no HVSV com 27,66% quanto no HVS com 19,2%. Em relação ao sexo dos animais, houve uma ocorrência um pouco maior de machos, representando 59,58% do total dos animais atendidos.

Na tabela 1 a seguir, é possível visualizar a classificação conforme a espécie e o sexo dos pacientes atendidos em cada uma das concedentes.

Tabela 1 - Número de pacientes, conforme a espécie e raça, acompanhados em atendimentos clínicos durante o período de estágio em ambas as concedentes.

Espécie	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Macho	Fêmea	Macho	Fêmea	
Canina	16	18	41	39	114 (78,4%)
Felina	9	4	12	7	32 (21,6%)
Total	25	22	52	47	146 (100%)
Total	47		99		146

As Tabelas 2 e 3 ilustram, respectivamente, todas as raças das espécies canina e felina acompanhadas durante o período de estágio. Em cães, a predominância dos animais sem raça definida (SRD) foi notória se comparada a outras raças em ambas as concedentes (31,57%), seguido da raça Shih-Tzu (12,28%) e Yorkshire Terrier (8,77%). Já em felinos, os SRD representaram 75% dos casos, seguido da raça Persa com 15,62%.

Tabela 2 - Raças dos pacientes caninos acompanhados durante o estágio em ambas as concedentes.

Raças Caninas	HV Santa Vida	HV Stolf	Total (%)
American Bully	1	1	2 (1,75)
Beagle	1	-	1 (0,87)
Blue Heeler	-	2	2 (1,75)
Bulldog Francês	2	4	6 (5,26)
Cane Corso	-	1	1 (0,87)
Chow-chow	-	2	2 (1,75)
Cimarron	-	1	1 (0,87)
Golden Retriever	1	-	1 (0,87)
Husky Siberiano	-	1	1 (0,87)
Labrador	1	1	2 (1,75)
Lhasa Apso	2	5	7 (6,14)
Lulu da Pomerânia	-	1	1 (0,87)
Maltês	2	1	3 (2,63)
Pastor Alemão	-	2	2 (1,75)
Pinscher	2	1	3 (2,63)
Pitbull	-	1	1 (0,87)
Poodle	1	1	2 (1,75)
Presaca Canário	-	1	1 (0,87)
Pug	1	2	3 (2,63)
São Bernardo	1	-	1 (0,87)
Schnauzer	1	2	3 (2,63)
Sharpei	1	1	2 (1,75)
Shih-Tzu	3	11	14 (12,28)
Spitz Almeão	2	3	5 (4,38)
SRD	9	28	36 (31,57)
West Highland White Terrier	-	1	1 (0,87)
Yorkshire Terrier	3	7	10 (8,77)
Total	34	80	114 (100)

Tabela 3 - Raças dos pacientes felinos acompanhados durante o estágio em ambas as concedentes.

Raças Felinas	HV Santa Vida	HV Stolf	Total (%)
Angorá	1	-	1 (3,12)
Persa	3	2	5 (15,62)
Siamês	-	2	2 (6,25)
SRD*	9	15	24 (75)
Total	13	19	32 (100)

*SRD = Sem Raça Definida

A casuística da clínica médica foi organizada em ordem de maior prevalência, de acordo com o sistema ou especialidade das afecções (Tabela 4), e abrange as consultas, retornos e internações acompanhadas. Dentre os sistemas e doenças estão: sistema digestório, musculoesquelético, tegumentar, urinário, doenças multissistêmicas, sensorial, endócrino, respiratório, reprodutor, cardiovascular, nervoso e hemolinfopoiético.

Tabela 4 - Casuística clínica dos sistemas/doenças organizados por espécie, acompanhados durante o estágio em ambas as concedentes.

Sistema/Especialidade	HV Santa Vida		HV Stolf		Total (%)
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Digestório	7	4	15	3	29 (19,86)
Musculoesquelético	2	1	21	4	28 (19,17)
Tegumentar	4	1	13	-	18 (12,32)
Urinário	2	3	6	5	16 (10,95)
Doenças Multissistêmicas	2	3	6	3	14 (9,48)
Sensorial	5	-	8	1	14 (9,48)
Endócrino	3	-	2	2	7 (4,79)
Respiratório	3	1	2	-	6 (4,1)
Reprodutor	2	-	3	-	5 (3,42)
Cardiovascular	1	-	3	-	4 (2,73)
Nervoso	2	-	1	-	3 (2,05)
Hemolinfopoiético	1	-	-	1	2 (1,36)
Total	34	13	80	19	146

De acordo com o levantamento de dados, o sistema digestório foi o principal sistema acometido mediante todos os casos acompanhados durante o estágio, representando 19,86%. Por conseguinte, em ordem decrescente de quantidade de casos, foram o sistema musculoesquelético (19,17%), tegumentar (12,32%), urinário (10,95%), doenças multissistêmicas e sensorial (9,58%), endócrino e respiratório (4,79%), reprodutor (3,42%), cardiovascular, (2,73%), nervoso (2,05%) e hemolinfopoiético (1,36%). A seguir, serão abordadas as afecções dentro de cada sistema orgânico, e foram categorizadas conforme maior casuística clínica do sistema.

A Tabela 5 mostra a casuística clínica do sistema digestório, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 5 - Casuística clínica do sistema digestório acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Digestório	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Gastroenterite	2	2	5	1	10 (34,48)
Pancreatite	2	2	1	-	5 (17,24)
Gastrite	1	-	2	-	3 (10,34)
DII*	-	-	2	-	2 (6,89)
Fecaloma	-	-	2	-	2 (6,89)
CE Intestinal*	1	-	1	-	2 (6,89)
Colangiohepatite	-	-	-	1	1 (3,44)
Megaesôfago	-	-	1	-	1 (3,44)
Obstrução Biliar	-	-	-	1	1 (3,44)
Cirrose Hepática	-	-	1	-	1 (3,44)
Torção Gástrica	1	-	-	-	1 (3,44)
Total	7	4	15	3	29

*CE = Corpo Estranho; DII = Doença Inflamatória Intestinal

Conforme explanação das afecções do sistema digestório, a gastroenterite foi a enfermidade mais presente, totalizando 34,4% dos casos, acometendo tanto caninos quanto felinos. A gastroenterite aguda é caracterizada por um quadro inflamatório da mucosa gastrointestinal, que leva ao aparecimento súbito de vômito e diarreia (SILVA, 2019). Dentre as causas mais frequentes que promovem o desenvolvimento dessas patologias estão: infecções virais, bacterianas, parasitárias, hipersensibilidade alimentar, estresse entre outros (SHAFER, 2006). De acordo com Silva (2019), é frequente o médico veterinário não chegar em um diagnóstico definitivo, uma vez que geralmente é um quadro autolimitante e o tratamento sintomático é suficiente para interromper os sinais clínicos. Contudo, exames complementares de imagem como radiografia e ultrassonografia, bem como análises laboratoriais incluindo hemograma, perfil bioquímico, urinálise e exame coprológico, podem ser essenciais para estabelecer a causa base da gastroenterite.

Em segundo lugar de prevalência aparece a pancreatite, representando 17,2% dos casos. A pancreatite corresponde a doença pancreática exócrina mais comum, tanto nos cães quanto nos gatos (CARDOSO, 2015), e é definida como a inflamação do pâncreas, sendo causada pela elaboração errônea de enzimas digestivas ativadas, o que resulta em lesão tecidual (MARCATO, 2010). Ainda segundo Marcato (2010), o diagnóstico clínico é dificultoso, uma vez que possui sinais clínicos não característicos, como anorexia, febre, dor ou distensão abdominal e diarreia. Sendo assim, a aferição de atividade sérica de amilase e lipase são exames laboratoriais importantes para conduzir a um diagnóstico, bem como exames imaginológicos, como a ultrassonografia. Porém, o diagnóstico só é definitivo através de exame histopatológico (CARDOSO, 2015).

A Tabela 6 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema musculoesquelético, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 6 - Casuística clínica do sistema musculoesquelético acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Musculoesquelético	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Afecções					
Fratura Femoral	-	-	3	2	5 (17,85)
DDIV*	-	-	4	-	4 (14,28)
RLC*	1	-	2	-	3 (10,71)
Luxação Patelar	-	-	3	-	3 (10,71)
Displasia Coxofemoral	-	-	3	-	3 (10,71)
Artrose	-	-	2	1	3 (10,71)
Cauda Equina	-	-	2	-	2 (7,14)
Luxação Sacroilíaca	-	-	1	1	2 (7,14)
Luxação Sacrococcígea	-	-	1	-	1 (3,57)
Fratura Falangeana	-	1	-	-	1 (3,57)
Fratura Mandibular	1	-	-	-	1 (3,57)
Total	2	1	21	4	28

DDIV = Doença do Disco Intervertebral; RLC = Ruptura de Ligamento Cruzado.

De acordo média geral dos casos, o segundo sistema mais acometido foi o musculoesquelético, sobretudo devido a casuística predominante da segunda concedente em ortopedia. Dentre as afecções, a fratura femoral foi a mais prevalente com 17,8% dos casos, sendo a maioria devido a acidentes automobilísticos, e apenas um caso de um canino que foi em virtude de acidente doméstico. De acordo com Schons (2020), dentre as afecções ortopédicas mais frequentes em cães e gatos, as fraturas de ossos longos são as mais prevalentes, sobretudo do fêmur. Exames de imagem, como a radiografia, são extremamente importantes para analisar a localização e o tipo de fratura, auxiliando a estabelecer um tratamento efetivo. Para reduzir as fraturas existem dois métodos principais, fechado ou conservador (muletas, moldes, gesso, talas e bandagens) e aberto ou cirúrgico (placas e parafusos ortopédicos, fios de cerclagem, pinos intramedulares e pinos percutâneos, mais fixadores externos) (SOUZA et al., 2001). Todos os pacientes atendidos foram submetidos ao tratamento cirúrgico para estabilização da fratura.

Em seguida, a Doença do Disco Intervertebral (DDIV), representou 14,2% do total de casos, todos em caninos. De acordo com Facin (2015), a DDIV está relacionada a degeneração do disco intervertebral, a qual pode ocasionar a extrusão (Hansen tipo I) ou a protusão (Hansen tipo II) do conteúdo discal para dentro do canal vertebral, pressionando assim a medula espinhal, e consequentemente gerando a síndrome neurológica mais frequente em cães. Os sinais clínicos são variáveis e dependem da localização da lesão na medula espinhal, do volume de material no interior do canal vertebral e da velocidade com que esse material é ejetado, variando desde hiperestesia espinhal até paraplegia com perda da dor profunda (CHAVES et al., 2017). Dos quatro caninos atendidos, dois deles eram de raças condrodistróficas, sendo um Lhasa Apso e outro Shih-Tzu, confirmando o que Cecim (2019) afirmou, que 90% dos cães de raças condrodistróficas poderão desenvolver mineralização parcial ou total em diversos discos intervertebrais, sendo assim, são mais predispostos a protusões do material degenerado do núcleo pulposo (NP) para o canal vertebral.

É importante destacar que os casos mais recorrentes mencionados (tanto os de fraturas femorais quanto os casos de DDIV), foram exclusivamente casuística do HVS, e ambos somados deu um total de 32,13%. A totalidade da casuística do sistema musculoesquelético apenas do HVSV contribuiu somente com 10,71% do total, com dois casos de fratura (sendo uma fratura mandibular e outra falangeana), e uma ruptura de ligamento cruzado (RLC).

A Tabela 7 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema tegumentar, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 7 - Casuística clínica do sistema tegumentar acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Tegumentar	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Dermatite Atópica	2	-	3	-	5 (27,77)
DAPP*	2	-	1	-	3 (16,66)
Lacerações Cutâneas	-	-	3	-	3 (16,66)
Envenenamento	-	-	2	-	2 (11,11)
DAPE*	-	-	1	-	1 (5,55)
Mastocitoma	-	-	1	-	1 (5,55)
Foliculite Bacteriana	-	-	1	-	1 (5,55)
Nódulo cutâneo	-	-	1	-	1 (5,55)
Complexo Granuloma Eosinofílico	-	1	-	-	1 (5,55)
Total	4	1	13	0	18

DAPP = Dermatite Alérgica à Picada de Pulga; DAPE = Dermatite Alérgica à Picada de Ectoparasitas

Dentre as afecções do sistema tegumentar, a dermatite atópica foi a mais prevalente, representando 27,7% dos casos. É considerada uma das dermatopatias alérgicas mais comuns em cães, possui origem genética e um caráter inflamatório crônico, recorrente e demasiadamente pruriginoso. Os caninos tornam-se sensibilizados a antígenos ambientais como poeira doméstica, ácaros e pólen de flores (ALVES et al., 2018). Concomitantemente, em segundo lugar a Dermatite Alérgica a Picada de Pulga (DAPP) e as Lacerações cutâneas, cada uma retratando 16,6% dos casos. Segundo Oliveira (2012), a DAPP é uma doença cutânea frequente em cães, com caráter altamente pruriginoso, e ocorre em razão de uma hipersensibilidade às proteínas da saliva da pulga através de picadas constantes ou intermitentes. As lacerações cutâneas nos três casos foram decorrentes de ataque de outros animais.

Com 11,1% dos casos, foi constatado dois quadros de envenenamento. Estes representaram dois pacientes caninos, machos, ambos SRD, sendo um

vítima de acidente ofídico e outro de picada de aranha. O quadro apresentou-se muito similar, um com edema de face, e outro com edema em membros torácicos, com um quadro de desidratação moderada, foram submetidos a fluidoterapia, e realizado protocolo de antibioticoterapia e antiinflamatório.

É possível observar que houve um baixo acometimento do sistema tegumentar em felinos, contendo apenas um caso de Complexo Granuloma Eosinofílico no HVSV em um gato, macho, SRD, que apresentava nódulo eritematoso na mucosa oral.

A Tabela 8 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema urinário, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 8 - Casuística clínica do sistema urinário acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Urinário	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
DRC*	1	2	1	3	7 (43,75)
Cistite	-	-	3	1	4 (25)
Urolitíase	-	-	2	-	2 (12,5)
IRA*	1	-	-	1	2 (12,5)
DTUIF Obstrutiva*	-	1	-	-	1 (6,25)
Total	2	3	6	5	16

*DRC = Doença Renal Crônica; IRA = Insuficiência Renal Aguda; DTUIF = Doenças do Trato Urinário Inferior de Felinos

O sistema urinário foi o quarto sistema de maior acometimento conforme classificação geral, constando 10,9% da totalidade de casos. A doença renal crônica (DRC) teve uma ocorrência bastante significativa de 43,7% da completude das enfermidades urinárias. A DRC é caracterizada por lesões estruturais renais irreversíveis e progressivas, definida como uma síndrome que incapacita os rins em efetuar as funções de excreção, controle e síntese. Isso

ocorre em virtude do comprometimento dos néfrons, que, quando há manifestações clínicas, já chegou entre 67 a 75% de insuficiência (SCARDOELI, 2017). De acordo com Silva et al. (2008), o diagnóstico definitivo é alcançado através do conjunto de sinais clínicos apresentados (como anúria ou oligúria, polidipsia, desidratação, vômito, odor de hálito urêmico) e o histórico do paciente, bem como exames laboratoriais como bioquímica sérica para análise de ureia e creatinina sérica, urinálise e hemograma. Um aspecto relevante que é possível constatar é a alta prevalência da doença em felinos, sendo cinco casos em gatos e apenas dois em cães. Isso está de acordo com Waki et al. (2010), que menciona que a prevalência da DRC em cães varia de 0,5 a 7% e em gatos de 1,6 a 20%, sendo uma das enfermidades mais recorrentes em felinos.

As Tabelas 9 e 10 a seguir apresentam, respectivamente, a casuística clínica das doenças multissistêmicas e das doenças sensoriais, organizadas de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 9 - Casuística clínica das doenças multissistêmicas acompanhadas durante o estágio em ambas as concedentes.

Multissistêmicas	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Parvovirose	-	-	4	-	4 (28,57)
FeLV*	-	1	-	2	3 (21,42)
FIV*	-	1	-	1	2 (14,28)
Erliquiose	1	-	-	-	1 (7,14)
Miíase	-	-	1	-	1 (7,14)
Cinomose	1	-	-	-	1 (7,14)
PIF*	-	1	-	-	1 (7,14)
Traqueobronquite Infecciosa Canina	-	-	1	-	1 (7,14)
Total	2	3	6	3	14

FeLV = Vírus da Leucemia Felina; FIV = Vírus da Imunodeficiência Felina; PIF = Peritonite Infecciosa Felina

Tabela 10 - Casuística clínica do sistema sensorial acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Sensorial	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Otite	4	-	4	-	8 (57,14)
Entrópio	-	-	1	-	1 (7,14)
Exoftalmia Traumática	-	-	1	-	1 (7,14)
Glaucoma	-	-	1	-	1 (7,14)
Ceratoconjuntivite	1	-	-	-	1 (7,14)
Pannus Oftálmico	-	-	1	-	1 (7,14)
Úlcera de Córnea	-	-	-	1	1 (7,14)
Total	5	0	8	1	14

O grupo das doenças multissistêmicas juntamente com o sistema sensorial foram ambos o quinto sistema de maior acometimento, e obtiverem cada um, um total de 14 diagnósticos, representando, separadamente, 9,5% do total de enfermidades gerais.

Dentre as doenças multissistêmicas diagnosticadas, a mais prevalente, com 28,5% foi a parvovirose. A parvovirose é causada pelo parvovírus canino (CPV) e é a principal causa de infecções intestinais em cães domésticos com menos de seis meses de idade. O quadro clínico típico é uma gastroenterite hemorrágica, que normalmente acomete cães jovens, não vacinados e é caracterizada pelo surgimento brusco de prostração, anorexia, vômitos frequentes, sialorréia, febre, dor abdominal e diarreia hemorrágica (PAVAN, 2009). Todos os cães atendidos com este quadro clínico foram encaminhados para uma terapia de suporte com fluidoterapia, para reversão dos distúrbios eletrolíticos, associados a antieméticos, protetores gástricos e antibioticoterapia. O prognóstico da doença é reservado, e a maior parte dos animais que sobrevivem aos primeiros 3 a 4 dias de infecção, se recuperam. A taxa de sobrevivência com terapia intensa varia de 80 a 95% (RODRIGUES e MOLINARI, 2017). Dos quatro caninos que apresentaram a doença, apenas um canino, SRD, fêmea, veio a óbito, devido a complicações do quadro clínico.

Em segundo lugar de prevalência geral das doenças multissistêmicas está a Leucemia Felina, com 21,4%, representando dos atendimentos infecciosos, o mais rotineiro em gatos. O vírus da leucemia felina (FeLV) é um retrovírus, com isso, uma vez infectado, o felino torna-se portador da doença. Podem permanecer por meses ou anos assintomáticos, e, para aqueles pacientes que apresentam sinais clínicos, geralmente são inespecíficos como apatia, anorexia, febre e vômito. Sendo assim, os exames laboratoriais como o hemograma, são de suma importância para constatar quadros de anemia arregenerativa, linfopenia ou neutropenia, que ocorre devido à supressão da medula óssea (ALVES et al., 2015). Como forma de triagem, é muito comum no atendimento clínico de gatos, realizar um teste rápido para detecção do antígeno da FeLV, conduta que foi estabelecida em ambas as concedentes.

Dentre as enfermidades do sistema sensorial, a otite foi predominante, com 57,1% dos casos, sendo 8 casos, todos na espécie canina. Trata-se de uma inflamação da orelha externa, e acomete desde o pavilhão auricular até a parede externa da membrana timpânica (CUSTÓDIO, 2019). Nos atendimentos de otite acompanhados, foi realizada uma anamnese bem detalhada e os tutores referiram sinais clínicos como prurido e dor auricular. Aliado a isso, em todos os casos foi realizado o uso do otoscópio, o qual é essencial para avaliar o grau de inflamação, estenose, alterações proliferativas, quantidade e natureza de debris e secreção, presença de corpo estranho, ectoparasitas, massas e integridade da membrana timpânica (LINZMEIER, ENDO e LOT, 2009).

As afecções oculares foram presentes, tais como entrópio, exoftalmia traumática, glaucoma, ceratoconjuntivite, pannus oftálmico e úlcera de córnea, porém com uma frequência mínima, sendo cada enfermidade mencionada com apenas um caso.

As Tabelas 11 e 12 a seguir apresentam, respectivamente, a casuística clínica do sistema endócrino do sistema respiratório, organizadas de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 11 - Casuística clínica do sistema endócrino acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Endócrino	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Diabetes Mellitus	1	-	-	2	3 (42,85)
Hiperadrenocorticismo	1	-	2	-	3 (42,85)
Insulinoma	1	-	-	-	1 (14,28)
Total	3	0	2	2	7

Tabela 12 - Casuística clínica do sistema respiratório acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Respiratório	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Colapso de Traqueia	1	-	1	-	2 (33,33)
Bronquite	-	-	1	-	1 (16,66)
Efusão Pleural	-	1	-	-	1 (16,66)
Pneumotórax	1	-	-	-	1 (16,66)
Rinite	1	-	-	-	1 (16,66)
Total	3	1	2	0	6

Os sextos sistemas com enfermidades diagnosticadas foram concomitantemente o sistema endócrino e o sistema respiratório, e obtiveram cada um, um total de 6 diagnósticos, representando, separadamente, 4,1% do total de enfermidades gerais.

Dentro do sistema endócrino, duas enfermidades com casuística equivalente foram constatadas, a diabetes mellitus e o hiperadrenocorticismo, cada uma delas representando 42,8% das afecções endócrinas. A diabetes mellitus é um distúrbio endócrino complexo, que reflete a incapacidade das ilhotas pancreáticas em secretar insulina (diabetes tipo I) ou da ação deficiente da insulina nos tecidos (diabetes tipo II). Dentre os sinais clínicos clássicos estão a poliúria, polidipsia, polifagia e perda de peso. O diagnóstico é realizado a partir da convergência dos sinais clínicos, com uma hiperglicemia de aparecimento agudo e persistente e de glicosúria (MAIOCHI et al., 2015). A obesidade, que é um fator predisponente considerável na diabetes mellitus, estava presente nos

três casos atendidos, de um canino e dois felinos. Um desses felinos, macho, SRD, chegou para atendimento clínico apresentando quadros convulsivos, devido à administração indiscriminada de insulina pelos tutores.

O hiperadrenocorticismo é uma das endocrinopatias mais comuns em cães, e está associada à produção ou administração excessiva de glicocorticoides. Dentre os sinais clínicos que podem estar presentes estão a poliúria, polidipsia, respiração ofegante, fraqueza muscular e letargia (BENEDITO; ROSSI; CAMARGO, 2017). Para estabelecimento do diagnóstico definitivo, os três cães atendidos foram submetidos ao teste de supressão com baixa dose de dexametasona.

No sistema respiratório, o colapso de traqueia teve a maior prevalência, com dois caninos atendidos, representando 33,3%. Trata-se de uma doença progressiva e de início súbito que se caracteriza pelo estreitamento do lúmen traqueal que interfere no fluxo de ar para os pulmões. Os sinais clínicos apresentados são tosse crônica, rouca ou seca e dispneia, além de reflexo de tosse positivo e normalmente exagerado. Para o diagnóstico, o exame radiográfico foi essencial em todos os casos, e o tratamento baseou-se na administração de antitussígenos e broncodilatadores.

A Tabela 13 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema reprodutor, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 13 - Casuística clínica do sistema reprodutor acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Reprodutor	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Distocia	1	-	1	-	2 (40)
Piometra	1	-	1	-	2 (40)
Hiperplasia Prostática	-	-	1	-	1 (20)
Total	2	0	3	0	5

O sétimo sistema de maior casuística foi o sistema reprodutor, retratando 3,4% do total de casos atendidos, todos afetando caninos. Das afecções constatadas, a distocia e a piometra foram as mais prevalentes, cada uma representando 40% do total de casos. A distocia é definida como uma dificuldade de nascer ou a inabilidade materna em expelir os fetos pelo canal do parto, sem assistência (LIGUORI; ENEAS; IGNÁCIO, 2016). Um dos casos de distocia acompanhados foi de uma paciente canina da raça buldogue inglês, que foi submetida a cesariana eletiva. O procedimento foi bem-sucedido, com o nascimento de sete filhotes e um natimorto, além da efetiva recuperação no pós-operatório da mãe, que apresentou uma boa habilidade materna. Segundo Fossum (2001), as cesarianas eletivas são convenientes em raças braquicefálicas, em casos de histórico prévio de distocia e fraturas de pelve. A segunda paciente canina que apresentou distocia foi uma pinscher, primípara, que havia expulsado apenas um feto natimorto em domicílio, e em seguida cessou. Diante disso, os tutores optaram por encaminhá-la ao HVS, onde foi realizado o exame ultrassonográfico para avaliação dos fetos, e não houve qualquer indício de sofrimento fetal. Sendo assim, a cadela foi submetida a aplicações de ocitocina para estimular a contração miometrial e ficou em observação. Se a cadela está em trabalho de parto há poucas horas, e após três ou quatro aplicações de ocitocina, com intervalo de 15 a 20 minutos, não há expulsão fetal ou apenas um ou dois fetos são expulsos, o procedimento que tem sido adotado é o de encaminhá-la imediatamente à cesariana (LUZ; FREITAS; PEREIRA, 2005). A cadela não avançou no trabalho de parto, com isso, foi encaminhada para a cesariana. Contudo, havia apenas um recém-nascido com diminuta vitalidade neonatal, que não reagiu às manobras de reanimação.

A piometra é definida como um processo inflamatório comum no trato genital das fêmeas caninas, e caracteriza-se pelo acúmulo de secreção purulenta no lúmen uterino que provém de uma hiperplasia endometrial cística associada a uma infecção bacteriana (SILVA, 2009). Foram atendidas duas pacientes caninas com esta enfermidade, e a terapêutica empregada em ambos os casos foi a ovariosterectomia, procedimento cirúrgico de eleição para a piometra.

As Tabelas 14 a seguir apresentam, respectivamente, a casuística clínica do sistema cardiovascular organizadas de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 14 - Casuística clínica do sistema cardiovascular acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Cardiovascular	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Endocardiose da Valva Mitral	1	-	2	-	3 (75)
Cardiomiopatia Dilatada	-	-	1	-	1 (25)
Total	1	0	3	0	4

O sistema cardiovascular foi o oitavo sistema e mais acometido, com 4 diagnósticos cada, retratando um total de 2,7% da totalidade dos casos.

Dentro do sistema cardiovascular, apenas duas afecções distintas foram acompanhadas, a Endocardiose da Valva Mitral ou Degeneração Mixomatosa Valvar Mitral (DMVM), correspondendo a 75% dos casos, portanto, a grande maioria; e a Cardiomiopatia Dilatada, caracterizando somente 25% dos diagnósticos desse sistema. Segundo Henrique et al. (2013), a DMVM é a cardiopatia mais comum em cães, tem caráter crônico e progressivo e pode levar a uma insuficiência cardíaca (IC). Para a condução do diagnóstico definitivo da DMVM é imprescindível o exame ecocardiográfico e eletrocardiograma, bem como uma boa anamnese do paciente. Uma paciente canina, da raça Lhasa Apso, chegou para atendimento no HVS com um quadro de tosse crônica, letargia e hiporexia, apresentando sopro cardíaco grau II. Para o tratamento da paciente, foi receitado um inibidor de ECA indicado para quadros de IC e um diurético para controle de edema pulmonar.

A Tabela 15 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema nervoso, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 15 - Casuística clínica do sistema nervoso acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Nervoso	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Epilepsia	1	-	1	-	2 (66,66)
Meningoencefalite	1	-	-	-	1 (33,33)
Total	2	0	1	0	3

O sistema nervoso foi o nono sistema acometido, compondo apenas 2% das enfermidades. Dentre as afecções acompanhadas, foram evidenciados dois casos de epilepsia e um caso de meningoencefalite, todos na espécie canina. A epilepsia é definida sendo um distúrbio neurológico decorrente de descargas neuronais anormais e hipersincrônicas caracterizadas por alterações estereotipadas e paroxísticas de comportamento (MARTINS, 2011). Um dos pacientes atendidos foi internado para observação após um episódio em domicílio e submetido ao tratamento com o anticonvulsivante fenobarbital, que teve significativa eficácia no controle da crise. O outro paciente foi um canino, fêmea, SRD, idosa que foi encaminhada ao HVSV com relato pelos tutores de tremores e um episódio de convulsão em domicílio. A paciente permaneceu internada, entrou em um quadro emergencial de crise epiléptica e, imediatamente, foi administrado Diazepam intravenoso (IV) para cessar o quadro agravante. Os benzodiazepínicos são indicados para controle de convulsões agudas em situações emergenciais.

A Tabela 16 a seguir apresenta a casuística clínica do sistema nervoso, organizada de acordo com a espécie e local de estágio.

Tabela 16 - Casuística clínica do sistema hemolinfopoiético acompanhada durante o estágio em ambas as concedentes.

Hemolinfopoiético	HV Santa Vida		HV Stolf		Total
	Canino	Felino	Canino	Felino	
Linfoma	1	-	-	1	2 (100)
Total	1	0	0	0	2

O sistema hemolinfopoiético obteve a menor casuística clínica assistida, sendo o linfoma a única afecção diagnosticada apresentando dois casos (100%). O linfoma é uma neoplasia linfoide maligna que se origina em órgãos linfohematopoiéticos sólidos, como linfonodos, baço, fígado e agregados linfoides associados à mucosa. O diagnóstico conclusivo é realizado através de citologias de amostras obtidas por Punção Aspirativa com Agulha Fina (PAAF) e/ou de exames histopatológicos de tecidos biopsiados (RIBEIRO; ALEIXO; ANDRADE, 2015).

5.2 CASUÍSTICA CIRÚRGICA DO HVS

A casuística cirúrgica do HVS acompanhada pela estagiária durante o período de estágio representou um total de 17 procedimentos, sendo 100% realizados em cães. O sexo de maior prevalência foi o de fêmeas representando 70,58%, enquanto machos apenas 29,42%.

Dentre as espécies, a mais marcante nas cirurgias presenciadas foram os SRD, com sete casos (41,17%), em seguida a raça Spitz Alemão com dois caninos (11,76%), e, uma cirurgia (5,88%) em cada espécie a seguir Shih-Tzu, Beagle, Labrador, Blue Heeler, Yorkshire Terrier, Lulu da Pomerânia, Buldogue Francês e Rottweiler.

A Tabela 17 a seguir demonstra os procedimentos cirúrgicos acompanhados no HVS:

Tabela 17 - Casuística cirúrgica total acompanhada durante o estágio no Hospital Veterinário Stolf

HV Stolf	
Cirurgias	Total (%)
Profilaxia Dentária	5 (29,41)
OSH	2 (11,76)
Osteossíntese femoral	2 (11,76)
Mastectomia	1 (5,88)
Orquiectomia	1 (5,88)
Retirada de Placa	1 (5,88)
TPLO	1 (5,88)
Nodulectomia	1 (5,88)
Biopsia de Palato	1 (5,88)
Enucleação	1 (5,88)
Citostomia e Uretrostomia	1 (5,88)
Total	17

O procedimento mais prevalente e extremamente comum na clínica veterinária de cães e gatos foi a profilaxia dentária, sendo 29,4% do total de casos. Da mesma maneira que ocorre em um procedimento cirúrgico qualquer, devem ser realizados exames pré-cirúrgicos para avaliar o estado geral do paciente, devido a sujeição do mesmo a anestesia. A limpeza dentária é executada com o intuito de remover os tártaros e placas bacterianas, na tentativa de prevenir o estabelecimento de doenças periodontais. Diante disso, a higienização bucal através da escovação dos dentes, apesar de ser infrequente, deveria ser uma prática comum dos tutores para impedir o surgimento de tártaros.

A ovariosalpingohisterectomia (OSH) e a osteossíntese de fêmur foram juntamente as segundas cirurgias de maior prevalência, cada uma com dois casos (11,76%). A OSH em cadelas é a cirurgia eletiva mais realizada em clínica e hospitais veterinários. As principais indicações de OSH são para controle da

reprodução, histórico de partos distócicos, prevenção de tumores mamários, estros prolongados, tratamento de enfermidades ovarianas, uterinas e vaginais (QUESSADA et al. 2009). A técnica utilizada nas duas pacientes foi a tradicional e mais comumente utilizada, a OSH com incisão pela linha mediana pré-retroumbilical.

A fratura femoral é um acometimento recorrente em cães, retratando 20 a 25% de todas as rupturas ósseas e 45% das fraturas de ossos longos. Nos dois casos, foi realizada a técnica de redução de fraturas através do uso de pinos intramedulares, em que se objetiva uma estabilização eficiente para promover um rápido retorno ao apoio normal do membro afetado (SOUSA et al., 2013).

As cirurgias menos prevalentes foram: mastectomia, orquiectomia, retirada de placa, osteotomia e nivelamento do platô tibial (TPLO), nodulectomia, biopsia de palato, enucleação, citostomia e uretostomia, cada uma representando apenas um caso (5,88%).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio curricular obrigatório é uma grande oportunidade para o discente aperfeiçoar os conhecimentos adquiridos durante a graduação, e a vivenciar a realidade da rotina na prática.

A escolha de realizar o estágio em duas concedentes foi de grande valia, pois permitiu a observação e análise das diferentes condutas clínicas, da influência de fatores regionais sobre o aparecimento das doenças, dos distintos perfis socioeconômicos dos tutores que refletem na disponibilidade em realizar os procedimentos necessários.

Sendo assim, a construção do profissional médico veterinário é modulada pelo conjunto de experiências práticas vividas, associada a todo estudo teórico apreendido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, B. H. *et al.* Dermatite atópica canina: Estudo de caso. **Pubvet**, v. 8, n. 12, p. 1-6, ago. 2018.

ALVES, M. C. R. *et al.* Leucemia viral felina: revisão. **Pubvet**, v. 9, n. 2, p. 86-100, fev. 2015.

BENEDITO, G. S.; ROSSI, E. M.; CAMARGO, M. H. B. Hiperadrenocorticismismo Em Cães - Revisão de Literatura. **Revista de Ciência Veterinária e Saúde Pública**, v. 4, n. 1, p. 127-138, 2017.

CARDOSO, C. F. B. G. **Abordagem da Pancreatite Canina e Felina::** do Diagnóstico Clínico ao Diagnóstico Histopatológico. 125 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2015.

CECIM, B. F. **DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL EM CÃES DA RAÇA DACHSHUND: UMA REVISÃO DE LITERATURA.** Iniciação Científica CESUMAR, v. 21, n. 2, p. 189-201, jul./dez. 2019.

CHAVES, R. O. Avaliação clínica de cães com doença do disco intervertebral (Hansen tipo I) submetidos à descompressão cirúrgica: 110 casos. **Pesq. Vet. Bras.** v. 8, p. 835-839, ago. 2017.

CUSTÓDIO, C. S. **Otite Externa em Cães:** - revisão de literatura. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal de Santa Catarina, Curitibanos, 2019.

FACIN, A. C. *et al.* DOENÇA DO DISCO INTERVERTEBRAL EM CÃES: 16 CASOS. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.11, n.21, 2015.

FOSSUM, T. W. **Cirurgia de Pequenos Animais**. 1. ed. São Paulo: Roca, 2001, 1335p.

HENRIQUE, B. F. *et al.* O Que Há de Novo na Degeneração Mixomatosa da Valva Mitral em Cães? **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 11, n. 20, jan. 2013.

LIGUORI, H. K.; ENEAS, M. D.; IGNÁCIO, F. S.. Distocia em Cadelas: revisão de literatura. **Alm. Med. Vet. Zoo**, [s. /], v. 1, n. 2, p. 14-19, jun. 2016.

LINZMEIER, G. L.; ENDO, R. M.; LOT, R. F. E. Otite Externa. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 7, n. 12, jan. 2009.

LUZ, M. R.; FREITAS, P. M. C.; PEREIRA, E. Z. **Revista Brasileira de Reprodução Animal**, Belo Horizonte, v.29, v. 4, n. 3, p.142-150, jul./dez. 2005.

MAIOCHI, A. M. *et al.* Diabetes Mellitus em Cães e Gatos: Revisão de Literatura. **Almanaque de Medicina Veterinária e Zootecnia**. v. 1, n. 2, p. 1-8, out. 2015.

MARCATO, J. A. **Pancreatite em cães**. 58 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MARTINS, Guilherme de Caro. **Epilepsia em cães**: revisão de literatura. 2011. 28 f. Monografia (Especialização) - Curso de Residência Médico Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

OLIVEIRA, D. T. *et al.* **Dermatite Alérgica à Picada de Pulga: Relato de Caso**. XVII Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão - UNICRUZ, 2012.

PAVAN, T. R. **Parvovirose Canina**: revisão de literatura. 2009. 28 f. Monografia - Curso de Especialização em Análises Clínicas Veterinárias, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

QUESSADA, A.M. *et al.* Comparação de técnicas de ovariosalpingohisterectomia em cadelas. **Acta Scientiae Veterinariae**. v. 37 n. 3, p. 253-258, 2009.

RIBEIRO, R. C. S.; ALEIXO, G. A. S.; ANDRADE, L. S. S. Linfoma canino: revisão de literatura. **Medicina Veterinária (UFRPE)**, v.9, n.4, p.10-19, Recife, 2015.

RODRIGUES, B.; MOLINARI, B. L. D. Diagnóstico e Tratamento da Parvovirose Canina: Revisão de Literatura. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 21, n.2, p.127-134, dez. 2017 - fev 2018.

SCARDOELI, B. **Doença Renal Crônica em Cães e Gatos** – Revisão Bibliográfica e Estudo Retrospectivo. 111 f. TCC (Graduação) – Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Santo Amaro, São Paulo, 2017.

SCHAFER, F.M.A.V. **Colites em cães**. 37 f. Monografia (Pós-graduação) - Especialização em Clínica Médica e Cirúrgica em Pequenos Animais, Universidade Castelo Branco, Campo Grande, 2006.

SCHONS, L. C. *et al.* **Fraturas em Pequenos Animais e Métodos de Fixação** – Estudo Retrospectivo no Hospital Veterinário da UNIJUÍ. 5 f. XXVIII Seminário de Iniciação Científica – Ijuí, 2020.

SILVA, E. E. P. **Piometra Canina**. 2009. 23 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade Estadual Paulista, Botucatu, 2009.

SILVA, D. *et al.* Insuficiência Renal Crônica em Cães e Gatos. **Revista Eletrônica de Medicina Veterinária**, v. 11, n. 6, p. 1-6, jul 2008.

SILVA, M. S. M. **Etiologia de Gastroenterites Primitivas Agudas em Cães**: estudo retrospectivo de 158 casos clínicos. 73 f. TCC (Graduação) - Curso de Medicina Veterinária, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2019.

SOUZA, A. F. A. *et al.* MÉTODOS ALTERNATIVOS PARA ESTABILIZAÇÃO DE FRATURAS DE RÁDIO E ULNA EM CÃES E GATOS. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.31, n.1, p.81-87, 2001.

SOUZA, T. L. *et al.* Osteossíntese de fratura distal do fêmur em cão mediante inserção intramedular de pino de Steinmann: Relato de caso. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 4, n. 2, 15 mar. 2013.

WAKI, M. F. *et al.* Classificação em estágios da doença renal crônica em cães e gatos - abordagem clínica, laboratorial e terapêutica. **Ciência Rural**, Santa Maria, v.40, n.10, p.2226-2234, out. 2010